**ISOERITRÓLISE NEONATAL EQUINA**

**Lidiane Júlia de Jesus Andrade1\*, Clara Grichtolik Dias1, Ana Luísa Soares de Miranda2.**

*1Graduanda em Medicina Veterinária – UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil – E-mail: ljulia20@hotmail.com*

*2Professor de Medicina Veterinária – UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A isoeritrólise neonatal, conhecida como doença hemolítica do recém-nascido ou eritroblastose fetal, é uma doença isoimune causada pela incompatibilidade sanguínea entre a mãe e o filho. Acomete mais frequentemente seres humanos e equinos, sendo considerada rara nas demais espécies. A doença ocorre quando as fêmeas, expostas ao sangue fetal incompatível, desenvolvem uma resposta imune. Os anticorpos produzidos são transferidos ao neonato através do colostro e desencadeiam um quadro agudo de anemia hemolítica.1-5

O neonato equino não apresenta problemas no momento do parto e nem alterações ao nascer. Os sinais e sintomas apenas se manifestam após a ingestão do colostro.6

Os sinais clínicos mais comuns são fraqueza e mucosas pálidas ou ictéricas, a depender da evolução clinica. O estado de debilidade do animal depende da quantidade de anticorpos ingeridos através do colostro, nas primeiras horas. Os animais evoluem rapidamente para a morte caso não sejam tratados.7

O objetivo do presente trabalho é realizar uma revisão bibliográfica sobre o tema, destacando sua fisiopatologia, manifestações clínicas, diagnósticos e condutas a serem tomadas.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Este trabalho constitui-se de uma revisão da literatura mediante consulta em artigos científicos, bibliografias e trabalhos de conclusão de curso, datados de 2009 a 2018, selecionados através de busca no banco de dados do Google Acadêmico. As palavras chave foram: anemia hemolítica, doença em potros, incompatibilidade sanguínea.

**REVISÃO DE LITERATURA**

Isoeritrólise neonatal equina é uma enfermidade de potros neonatos que ocorre em 1 a 2% dos partos. Causada por incompatibilidade de grupo sanguíneo entre o potro e a égua. Como os equinos possuem placentação epiteliocorial, não há contato entre os sangues materno e fetal, os anticorpos não são capazes de atravessar a placenta, portanto, o potro só́ é afetado a partir do consumo do colostro que os contenha.4,5

É uma enfermidade semelhante à incompatibilidade de tipo sanguíneo Rh dos bebes humanos (eritroblastose fetal), porém a doença nos potros difere em dois aspectos: se deve a anticorpos diferentes, já́ que equinos não possuem fator Rh e o potro adquire os anticorpos pela ingestão do colostro contrariamente ao humano cujos anticorpos atravessam a placenta.2

A isoeritrólise neonatal equina é uma hipersensibilidade do tipo II causada pela incompatibilidade sanguínea entre mãe e feto, adquiridos através da ingestão do colostro com anticorpos contra os eritrócitos do potro (herdados do pai), que culmina com uma anemia hemolítica e icterícia, perda esta que a medula não consegue suprir, levando a falta de oxigenação dos órgãos vitais e por consequência o óbito do animal.3

Essa condição ocorre quando fêmeas são sensibilizadas por transfusões incompatíveis ou por extravasamento de eritrócitos fetais da placenta para a circulação sanguínea durante a gestação, ou prenhez prévia. Para que a enfermidade aconteça, o potro deve herdar um antígeno eritrocitário de seu pai que seja ausente em sua mãe; é necessário haver uma resposta da mãe estimulada mais de uma vez por gestação repetidas ou hemorragias transplacentárias e a ingestão do colostro. 5

Alguns potros apresentam a doença entre 6 e 8 horas pós-parto, podendo ocorrer também no período de 12 a 48 horas ou até 5 dias. Os primeiros sintomas são fraqueza e depressão, mucosas pálidas e podem apresentar icterícia. No entanto, alguns potros entram em choque e morrem antes de desenvolver icterícia.7 Com a progressão da doença, a respiração torna-se rápida e superficial, seguida por dispneia, os potros podem apresentar bocejos repetidos e a sua frequência cardíaca se mantém elevada.6

Os potros que sobrevivem 48 horas comumente apresentam icterícia das mucosas. Devido da falta de oxigenação, podem convulsionar ou entrar em coma. As mortes são decorrentes de hipovolemia, falência hepática, lesões cerebrais e septicemia.7

O diagnostico é baseado nos sinais clínicos e histórico, estando o animal fraco nas primeiras horas de vida, com mucosas pálidas, e a égua apresenta histórico de mais de uma prenhez.8

Quantidades significativas de anticorpos no colostro da égua, com antígenos contra os eritrócitos do potro, confirmam o diagnóstico de isoeritrólise neonatal, através dos testes de hemólise e do teste de aglutinação.6-8

A conduta a ser tomada no tratamento vai depender da sintomatologia apresentada pelo neonato, dependendo da gravidade da destruição eritrocitária, que está relacionada à quantidade de colostro ingerida. Se os sinais forem brandos, deve-se administrar colostro de uma égua doadora. Casos mais graves necessitam de transfusão sanguínea com a compatibilidade devidamente testada. A oxigenioterapia também pode servir de suporte, além da utilização de corticoides para prevenir que o animal entre em choque, e antibioticoterapia prevenindo a sepse.8

Uma das medidas preventivas é testar o sangue do potro, antes da ingestão do colostro, principalmente animais de raças puras, filhos de éguas com mais de uma cria.7

O prognóstico depende do número de anticorpos ingeridos, do grau de anemia, do tempo de aparecimento dos sinais. Em alguns casos superagudos os animais podem evoluir para o óbito antes mesmo de ser instituído a terapia de suporte ou transfusão.7

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A isoeritrólise neonatal equina é uma doença que pode acometer todas as raças e deve ser tratada a tempo. É importante ficar atento para se detectar os sinais clínicos no início e tomar medidas terapêuticas para que se evitem os efeitos deletérios da anemia. Assim como para outras doenças, a prevenção é mais eficaz que o tratamento, se baseia em identificar cruzamentos incompatíveis e/ou potros de risco. O prognóstico depende do número de anticorpos ingeridos, e do grau de anemia. Potros com sinais lentamente progressivos podem sobreviver com cuidados de suporte adequados, no entanto, casos superagudos podem evoluir para a morte antes que a doença seja diagnosticada.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

